

AGUSTINA BESSA-LUÍS

NÃO RECEIA O FIM. DÁ-LHE GOZO GOSTAR DE QUEM NÃO VALE NADA. DE OUTRA FORMA SENTIR-SE-IA SÓ NO MUNDO. DEFENDE QUE OS HOMENS NÃO DEVIAM TER OPINIÃO NUM REFERENDO SOBRE O ABORTO. E QUE MARGARIDA REBELO PINTO É COMO OS FUTEBOLISTAS: TÊM UMA ÉPOCA PARA VENDER E DEVEM SER BEM PAGOS. UMA ESCRITORA SEM RODEIOS NEM FRASES REBUSCADAS

«De certa forma os meus livros são ilegíveis»

Entrevista > José Eduardo Fialho Gouveia
Fotografia > Raquel Wise

Mário Viegas colocou-lhe a alcunha de “Bruxa da Areosa”. Como comenta?

Só demonstra que ele não conhecia o Norte. Eu vivo no sítio oposto à Areosa. Ainda noutro dia me telefonaram chamando-me “Mãe de Santo”. Quem me telefonou ia fazer uma diligência muito importante e queria a minha bênção. Entre “Mãe de Santo” e bruxa, escolham. **Quando era directora do Teatro Nacional D. Maria II, Mário Viegas também a apelidou de “galinha no poleiro”...** O Mário Viegas era aquele actor, não era?

Era.

Eu embirrava com ele.

Porquê?

Ele vivia num estado de excitação e de demonstração da sua qualidade de actor. Talvez por isso não fosse das pessoas que eu achava mais simpáticas. De resto, é muito difícil eu achar alguém simpático.

E ele? Porque pensa que embirrava consigo?

Talvez por ser uma pessoa inteligente. Embirrava comigo porque sentia que... As pessoas começam a embirrar comigo quando vêem que não coincide a presença – que é muito afável e até terna – com a interioridade. Enquanto julgam que sou uma dona de casa... Quando vêem que por detrás há outra coisa não me perdoam.

E o que há por detrás?

Há a tal pessoa que não é muito afável, que é capaz de uma certa dureza, de uma certa crueldade. Não me perdoam esse lado pouco maleável porque não condiz com o outro.

De onde lhe vem essa crueldade e essa dureza?

É uma questão genética. Vem do meu lado castelhano. Não é bem crueldade. É uma certa severidade, uma certa rispidez. A minha avó castelhana era muitíssimo religiosa mas cortou relações com a minha mãe porque não queria que ela casasse com um homem muito religioso. Dizia que ele seria um mau marido. Este género de rispidez por vezes entende-se como contradição.

Mas quando sente essa rispidez e depois mostra afabilidade e ternura está a ser fingida?

Não, de maneira nenhuma. Nunca sou fingida.

Então porquê essa diferença?

Porque são coisas que coexistem. No trato quotidiano sou dócil e amável, enquanto nas coisas essenciais sou intransigente.

É capaz de estar a falar com alguém de forma muito simpática e estar a pensar o pior possível dessa pessoa?

Não. Gosto das pessoas como elas são e dá-me imenso prazer – cada vez mais – ser agradável e gostar de quem não vale grande coisa.

Porquê?

De outra forma sentir-me-ia muito só neste mundo.

A vida acentuou essa crueldade e essa dureza?

Não. Pelo contrário. Era uma menina antipática e tudo isso foi desaparecendo com a idade. Hoje sou uma pes-

soa, como dizia um filósofo espanhol, encantadora.

Irrita-a que um livro de Margarida Rebelo Pinto venda muito mais que um livro seu?

Não. De maneira nenhuma. Mas não percebo exactamente se ela não estará a deixar de vender. Não conheço bem os seus livros. Só tenho um deles, oferecido por ela, que li há pouco tempo.

Qual?

O primeiro.

O “Sei Lá”?

Sim. Tenho-o aqui. Não estranho nada que ela venda. Faz a estória daquele quotidiano que é muito fácil de apreender. É a estória de uma geração. O que pode acontecer, e por vezes é dramático, é que determinada geração desenvolve-se, cria interesses próprios de uma idade mais madura e deixa o escritor um bocado pen-durado. É o que acontece com os futebolistas. Têm uma época para vender e devem ser bem pagos.

O que achou da escrita de Margarida Rebelo Pinto?

Tenho com ela um parentesco que não posso negar. Andámos as duas nas Doroteias e isso é uma fidelidade para a vida inteira. Nunca mais se apaga.

Mesmo que pensasse o pior possível não o diria?

De maneira nenhuma.

De onde pensa que vem o sucesso dela? É o tal retrato de uma geração?

É. E depois há sempre qualquer coisa de imponderável. Pode haver outros escritores que escrevam como ela sem o mesmo sucesso. Normalmente quem tem grande êxito é quem aterroriza os outros. Um escritor tem que ter esse lado. Tem que meter medo. Só ainda não descobri em que é que ela inquietou a sua geração. Tenho que ler os seus livros com atenção. Tem que haver um elemento inquietante.

As pessoas só compram o que as inquieta?

Só. Compram para se defenderem. E também porque é um excitante. O medo é um excitante fantástico. Porque é que as criancinhas gostam tanto de filmes de terror? Porque traduzem o que para as crianças é um mistério. Hoje é muito mais difícil meter medo.

O sucesso gera muitas invejas em Portugal?

Não. A não ser num pequeno meio.

A Agustina, nesse pequeno meio, também gera essas invejas?

Penso que não. Já estou no meu poleiro há muito tempo.

No ano passado recebeu o Prémio Camões. Foi uma compensação para a falta do Nobel?

Não. O Nobel só é importante porque se fica rico de um momento para o outro. Mas está muito desacreditado devido a grandes figuras que não o ganharam. O Tolstoi nunca ganhou o Nobel. Só de vez em quando é que se faz justiça.

O Nobel é mais “marketing” do que uma tradução da justiça?

É. O “marketing” evoluiu de tal maneira que hoje mete-se em tudo.

Saramago é um fenómeno de “marketing”?

Não é só. É um conjunto de coisas.

Devia ter recebido o Nobel?

Tendo em conta outros que o receberam, devia. Tenho muito gosto em que ele goze o prémio, que viva muitos anos e que retire todos os proveitos que um prémio desses pode dar.

“A Sibila” foi publicado em 1954. Sente alguma frustração por nunca outro livro seu, nos 50 anos seguintes, ter conseguido o mesmo destaque?

Não. Isso acontece a muitos escritores, principalmente àqueles que escrevem só uma obra. Escrevi outros livros



melhores do que “A Sibila”. Há pouco tempo li o anterior – “O Mundo Fechado” – que é uma espécie de ensaio para “A Sibila” e é um belíssimo livro. O último também é um belíssimo livro.

A Agustina dos anos 50 é muito diferente da escritora de hoje?

Não. O essencial é o mesmo. Já lá estava uma certa angústia, uma análise profunda dos pequenos nada, do meio onde as pessoas se movem... Já lá estava tudo.

Disse uma vez que “os seus livros são um exercício de confissão espontânea”...

Não está mal... Fui eu que disse isso?

Foi. O que queria dizer?

São uma confissão espontânea porque a própria função da escrita obriga à confissão. Mas as confissões nunca são espontâneas. Alguém que conheça o meio católico sabe que as confissões não são espontâneas. Quando se vai para o confessor já se sabe o que se vai dizer. Lembro-me que, quando era miúda, ia confessar-me para fugir às aulas de matemática. Mas já sabia o que ia dizer. A ponto de ter que puxar pela imaginação para não repetir os mesmos pecados.

Confessa-se nos seus livros?

Ponho os outros a confessarem-me. Qualquer escritor é assim que trabalha. É sempre ele do princípio ao fim.

E escreve para si ou para os leitores?

Não escrevo para mim nem para os leitores. Escrevo aquilo que me dá na veneta. Neste momento, pelo menos para já, não penso em escrever outro livro. Talvez um dia ele venha ter comigo.

São os livros que vão ter consigo?

São. Todas as personagens vêm ter comigo.

Nunca é um processo auto-induzido?

Não. Isso pode acontecer, por exemplo, com um conto infantil. Embora os contos nunca sejam infantis. Então este último não tem nada de infantil. É um auto-retrato. Fala da menina que é criada no seio da família onde o menino recebe todas as atenções. Ela sente-se diminuída. E então descobre que tem um poder extraordinário que é meter medo aos outros. E passa a meter medo a toda a gente.

Foi assim que descobriu que metia medo aos outros?

Foi assim que descobri que toda a gente, para se afirmar, tenta meter medo aos outros.

Gosta de unanimidades?

Por exemplo?

Incomoda-a o facto de a crítica ser hoje praticamente unânime ao considerá-la uma grande figura da literatura portuguesa?

Isso só quer dizer que não querem mais maçar-se comigo. Mas não me incomoda.

A ideia popular sobre os seus livros é que são demasiado densos e difíceis de ler. Concorda com esta análise?

Concordo. Mas há muitos escritores que são ilegíveis. O Shakespeare é ilegível...

Os seus livros são ilegíveis?

«Os homens são criminosos. O crime é um afrodisíaco. Por isso é que a guerra é apetecível. Não me venham dizer que é obra de generais e de caudilhos. A multidão sabe perfeitamente que vai para uma orgia»

De certa forma são. Agora menos. Já me divirto a ser legível.

Em que medida é que são ilegíveis?

Na medida em que procurava – e isso acontece com muitos escritores – dizer uma coisa simples sem ter chegado ainda o tempo de a dizer. Fazia rodeios muito grandes que, ao fim de contas, não eram mais do que tentativas.

Não sabia o que queria dizer?

Sabia o que queria dizer, mas não sabia como. Isso tornava a prosa mais emaranhada.

E hoje já são mais legíveis?

Já. Não é que tenha adquirido essa capacidade. Simplesmente, já tanto me faz. Uso muito a linguagem coloquial que antes não usava. No início queremos ser diferentes, ter uma linguagem distinta, uma escrita muito ornamentada, muito barroca... Agora já não. Às vezes ainda me distraio. Mas hoje dou mais tempo às personagens para se exprimirem com a sua linguagem. E para dizerem coisas até proverbiais. Há pouco tempo, na apresentação que fiz do Lobo Antunes, disse-lhe qualquer coisa como: “Ande lá.”

Antes era incapaz de dizer ou de escrever isto. Hoje acho que fica bem.

Politicamente como é que se define?

Não sei. Em determinados momentos sou capaz de intervir com gosto. E as pessoas apercebem-se disso. Gostam de mim na praça. Lembro-me de que, na campanha de Freitas do Amaral, as pessoas faziam uma festa quando eu aparecia. Gostavam imenso. E eu não tinha ainda as artes coloquiais que tenho hoje. Mas pressentiam uma certa afectividade que era autêntica.

É uma mulher de direita?

Não posso dizer isso. Na família do meu pai eram todos republicanos. Por outro lado, o meu avô materno estava sempre contra quem estivesse no governo. Pode dizer-se que era de direita? Não. Tenho grandes amizades dos dois lados. Resisti sempre... É verdade que isso me prejudicou muitas vezes. Fiz sempre uma carreira muito sozinha. Os de direita julgavam que eu era de esquerda e os de esquerda que eu era de direita.

E é mais conservadora ou mais liberal?

Quando não sou conservadora sou de meter medo. Digo coisas que é melhor nem dizer...

Que coisas?

Que os homens têm necessidade da culpa porque ela funciona como um excitante para criar. Têm que criar as excitações da culpa. Têm que ser criminosos. É tão simples como isso.

Os homens são criminosos?

São. Por isso é que a participação da mulher na vida da sociedade é importantíssima. A mulher não é culpada. A mulher é uma criadora por natureza. A mulher é. Os homens procuram a culpa porque nela encontram uma espécie de incentivo para a criação. Se o mundo fosse só das mulheres ainda estávamos na idade da pedra. A mulher não tem necessidade de evoluir. A mulher é.

O crime é afrodisíaco?

É. Por isso é que a guerra é apetecível. Não me venham dizer que a guerra é obra de generais e de caudilhos. A multidão sabe perfeitamente que vai para uma orgia.

As mulheres não fazem a guerra?

Fazem por obediência ao homem. Mas não têm necessidade da guerra.

Quando diz que a mulher é criadora por natureza está a pensar na própria criação da vida?

Sim. É uma coisa de tal maneira espantosa que, durante muitos anos, aterrorizava os homens. Eles não relacionavam o nascimento da criança com o envolvimento sexual e isso devia pô-los completamente doídos. Ainda hoje a mulher tem essa... Quando chamam bruxas às mulheres ainda está presente essa linha. Há qualquer coisa que a mulher tem mas que não se consegue explicar. Sinto-me feliz por viver neste tempo em que já não se queimam bruxas.

Sendo a mulher criadora por natureza, como encara a interrupção voluntária da gravidez?

Sou católica mas não condeno uma mulher nova que não sabe em que se envolve... Muitas vezes a mulher pode optar por fazer um aborto porque é nova, por capricho, porque o mundo lhe promete tanta coisa que não tem nada a ver com a maternidade, porque não há uma consciência profunda de estar a destruir um ser humano...

Só as mulheres é que deviam ter opinião num referendo sobre o aborto?

Penso que sim. É um assunto que tem a ver com as mulheres.

Aos 82 anos sente-se mais próxima ou mais longe de Deus?

Não é um caminho que eu percorra. Li muito a Bíblia e, como romance, é de facto fascinante. A natureza do ser humano está lá toda. É uma obra extraordinária. Mas não mantenho um diálogo com Deus.

Mas acredita nele?

Acredito, mas não é um senhor de barbas. O próprio Voltaire dizia que não se podia conceber um relógio sem relojoeiro.

Essa crença apazigua o medo da morte?

Não tem nada a ver. Na minha família não havia o medo da morte. A pessoa menos corajosa da minha família foi aquela que se suicidou. A morte não existe. O que existe é o fim da pessoa.

E tem medo do fim?

Não. Talvez por defesa nunca acreditamos no fim. Então quando se é jovem não se acredita mesmo. E, se se mantiver esse estado juvenil, continua-se sem acreditar.

